Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE

doi.org/10.51891/rease.v12i11.32870

REALIDADES SOCIOECONÔMICAS E PRIMEIRA ESCOLHA PROFISSIONAL DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO PÚBLICO BRASILEIRO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

SOCIOECONOMIC REALITIES AND FIRST CAREER CHOICE AMONG BRAZILIAN PUBLIC HIGH SCHOOL STUDENTS: A LITERATURE REVIEW

REALIDADES SOCIOECONÓMICAS Y PRIMERA ELECCIÓN PROFESIONAL DE JÓVENES DE LA EDUCACIÓN SECUNDARIA PÚBLICA BRASILEÑA: UNA REVISIÓN BIBLIOGRÁFICA

Kássia Manuelli Lessa Kosinski[1]
Daniela Ribeiro Santana Moratelli[2]
Amanda Monteiro Faedo[3]

RESUMO: O objetivo deste artigo foi discutir, com base na literatura científica, de que forma as condições socioeconômicas se relacionam com a primeira escolha profissional de jovens que estão terminando o Ensino Médio na rede pública brasileira. Realizou-se uma revisão bibliográfica narrativa, de abordagem qualitativa, com artigos nacionais, desenvolvidos em diferentes estados, encontrados nas bases SciELO, PePSIC e Google Acadêmico, além de obras de referência e de dados do IBGE e do Inep. Os estudos mostram que a renda da família, a escolaridade dos pais, a necessidade de trabalhar cedo e a falta de informação sobre cursos e profissões reduzem as opções que o jovem enxerga como possíveis. Ainda assim, esses jovens constroem projetos próprios. Família e escola têm papel importante nesse percurso, e a falta de orientação profissional organizada na escola pública aumenta as desigualdades. Conclui-se que a escolha profissional é, ao mesmo tempo, pessoal e social, e que a Psicologia, a partir de uma leitura crítica, pode ajudar o jovem a conhecer mais possibilidades sem se culpar por obstáculos que não dependem só dele.

Palavras-chave: Escolha profissional. Condições socioeconômicas. Orientação profissional. Projeto de vida. Adolescência.

ABSTRACT: This article aimed to discuss, based on the scientific literature, how socioeconomic conditions relate to the first career choice of young people who are finishing high school in the Brazilian public school system. A narrative literature review with a qualitative approach was carried out, using Brazilian articles conducted in different states and found in the SciELO, PePSIC and Google Scholar databases, as well as reference works and data from IBGE and Inep. The studies show that family income, parents' schooling, the need to work early and the lack of information about courses and professions reduce the options young people see as possible. Even so, these young people build their own plans. Family and school play an important role in this process, and the lack of organized career guidance in public schools increases inequalities. It is concluded that career choice is both personal and social, and that Psychology, from a critical standpoint, can help young people learn about more possibilities without blaming themselves for obstacles that do not depend only on them.

Keywords: Career choice. Socioeconomic conditions. Career guidance. Life project. Adolescence.

[1] Acadêmica do curso de Psicologia. Centro Universitário UNIVEL, Cascavel – PR.
[2] Acadêmica do curso de Psicologia. Centro Universitário UNIVEL, Cascavel – PR.
[3] Psicóloga pela UNIPAR/PR. Especialista em Psicanálise Clínica – de Freud à Lacan pela PUC/PR. Professora e orientadora. Centro Universitário UNIVEL, Cascavel – PR.

RESUMEN: El objetivo de este artículo fue discutir, con base en la literatura científica, de qué forma las condiciones socioeconómicas se relacionan con la primera elección profesional de jóvenes que están terminando la Educación Secundaria en la red pública brasileña. Se realizó una revisión bibliográfica narrativa, con enfoque cualitativo, con artículos brasileños, desarrollados en diferentes estados, encontrados en las bases SciELO, PePSIC y Google Académico, además de obras de referencia y datos del IBGE y del Inep. Los estudios muestran que los ingresos de la familia, la escolaridad de los padres, la necesidad de trabajar temprano y la falta de información sobre carreras y profesiones reducen las opciones que el joven percibe como posibles. Aun así, estos jóvenes construyen proyectos propios. La familia y la escuela tienen un papel importante en este recorrido, y la falta de orientación profesional organizada en la escuela pública aumenta las desigualdades. Se concluye que la elección profesional es, al mismo tiempo, personal y social, y que la Psicología, desde una lectura crítica, puede ayudar al joven a conocer más posibilidades sin culparse por obstáculos que no dependen solo de él.

Palabras clave: Elección profesional. Condiciones socioeconómicas. Orientación profesional. Proyecto de vida. Adolescencia.

1 INTRODUÇÃO

No último ano do Ensino Médio, uma pergunta passa a acompanhar o estudante em casa, na escola e nas conversas com os amigos: o que fazer depois? Responder a ela significa decidir entre continuar os estudos, começar a trabalhar ou tentar conciliar as duas coisas. Embora essa decisão seja vista, muitas vezes, como algo individual, a primeira escolha profissional está ligada à construção da identidade e às experiências vividas na família, na escola e na comunidade (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2003; VALORE; CAVALLET, 2012). Dayrell (2003) chama atenção para o fato de que não existe uma única juventude, mas juventudes, já que classe social, gênero, cor, cultura e região produzem modos bastante diferentes de viver essa fase.

Essas diferenças aparecem com clareza quando se observa quem frequenta o Ensino Médio no Brasil. Em 2024, foram registradas 7,8 milhões de matrículas nessa etapa, das quais 83,1% estavam nas redes estaduais e 13,2% na rede privada (INEP, 2025). A escola estadual concentra, portanto, a maior parte dos jovens que se preparam para a vida adulta, inclusive aqueles de famílias com menor renda. Os indicadores sociais ajudam a dimensionar o cenário. Em 2023, 27,4% da população vivia abaixo da linha de pobreza, e 21,2% dos jovens de 15 a 29 anos, cerca de 10,3 milhões de pessoas, não estudavam nem trabalhavam. Nos domicílios de menor rendimento, esse índice chegava a 49,3%, aproximadamente 7,5 vezes o observado entre os 10% mais ricos (IBGE, 2024).

Os mesmos dados mostram que 19,0% dos jovens de 15 a 29 anos deixaram a escola antes de concluir a Educação Básica. Entre os rapazes, o motivo mais citado foi a necessidade de trabalhar; entre as moças, esse motivo dividiu espaço com a gravidez e as tarefas domésticas.

Somente 25,9% das pessoas de 18 a 24 anos frequentavam o Ensino Superior, e apenas 23,7% da população de 25 a 34 anos possuía graduação completa, número distante da média de 47,2% dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (IBGE, 2024). Para boa parte dos estudantes da rede pública, escolher uma profissão envolve, ao mesmo tempo, pensar no que gostariam de fazer e em como vão garantir o próprio sustento.

As pesquisas realizadas com esses estudantes confirmam o dilema. Leão, Dayrell e Reis (2011) ouviram 245 alunos do terceiro ano do Ensino Médio no Pará e constataram que 38,4% já trabalhavam e que a maior parte dos pais não havia concluído a Educação Básica. Quase todos desejavam cursar uma faculdade, mas esse plano aparecia mais como sonho do que como meta com etapas definidas, cercado de dúvidas sobre cursos e mercado de trabalho. Soma-se a isso o pouco apoio oferecido pela escola pública nesse momento. A legislação determina que as escolas orientem os alunos na escolha dos percursos formativos, mas não define quem deve realizar essa orientação nem de que forma, o que deixa a oferta de orientação profissional sem garantia (MELO-SILVA; MUNHOZ; LEAL, 2019).

A própria produção científica sobre o tema também apresenta lacunas. Em revisão sobre orientação profissional no Ensino Médio, Sobral e Fernandes (2018) localizaram apenas 29 artigos, em sua maioria voltados à aplicação de escalas, e registraram queda no número de publicações nos últimos anos. Diante desse quadro, compreender a primeira escolha profissional exige olhar para os desejos do jovem sem perder de vista as condições em que ele vive. Responsabilizar o estudante pela ausência de planos seria injusto, assim como seria equivocado tratar a pobreza como um destino já traçado (RIBEIRO, 2022).

Com base nessas questões, este artigo tem como objetivo discutir, a partir da literatura científica, como as condições socioeconômicas se relacionam com a primeira escolha profissional de jovens que estão concluindo o Ensino Médio na rede pública brasileira, considerando o papel da família, da escola e da orientação profissional nesse processo.

2 MÉTODOS

O estudo consiste em uma revisão bibliográfica narrativa, de abordagem qualitativa e caráter exploratório e descritivo, desenvolvida a partir de material já publicado sobre o tema (GIL, 2019). Inicialmente, havia sido planejada uma pesquisa de campo com alunos do terceiro ano do Ensino Médio da rede estadual que frequentam o Centro da Juventude Professor Jomar Vieira Rocha, em Cascavel, Paraná, por meio de um questionário semiestruturado. Como a

aplicação do questionário não foi liberada a tempo, a investigação foi reorganizada como revisão bibliográfica, que poderá servir de base para a realização da pesquisa de campo em outro momento. A busca foi feita na Scientific Electronic Library Online (SciELO), nos Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e no Google Acadêmico, com os termos "escolha profissional", "orientação profissional", "projeto de vida", "adolescência" e "condições socioeconômicas", combinados de diferentes formas. Foram selecionados artigos em português, com texto completo disponível, que abordassem a escolha profissional ou os planos de futuro de adolescentes e jovens em relação ao seu contexto social. Também foram consultadas obras sobre adolescência e neoliberalismo, além de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Textos repetidos ou sem relação com o objetivo foram descartados. O recorte adotado é a rede pública brasileira como um todo, e não um estado específico, porque os indicadores do IBGE e do Inep têm abrangência nacional e os estudos empíricos disponíveis sobre o tema foram realizados em diferentes unidades da federação, como Pará, Distrito Federal e São Paulo. Por esse motivo, os resultados de cada pesquisa são apresentados com a indicação do local em que foi realizada, quando essa informação consta no estudo original. Após a leitura completa, o material foi organizado em três eixos, que correspondem às subseções do referencial teórico. Por utilizar apenas dados públicos e textos já publicados, o estudo não precisou ser submetido a Comitê de Ética em Pesquisa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Escolha profissional, contexto social e condições socioeconômicas

A adolescência é marcada por mudanças no corpo, nas emoções e nas relações. A identidade se forma aos poucos, no convívio com a família, a escola e os amigos, e as decisões sobre estudo e trabalho fazem parte desse movimento (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2003). O projeto de vida contribui para organizar essas decisões, pois reúne as metas que a pessoa estabelece para si a partir da cultura em que está inserida (GOBBO; NAKANO; DELLAZZANA-ZANON, 2019). Nesse sentido, a escolha profissional é uma das partes desse projeto e se constrói ao longo do tempo, e não em um momento isolado.

O acesso a informações sobre cursos, universidades, formas de ingresso e qualificação, porém, não é igual para todos. Pereira, Zanon e Dellazzana-Zanon (2021), em pesquisa com 320 adolescentes de 14 a 17 anos, encontraram relação entre os projetos de vida e as características da

escola e da família, o que indica que os planos dos jovens estão ligados ao ambiente em que crescem. Resultado semelhante aparece em Oliveira, Pinto e Souza (2003): entre 48 alunos do terceiro ano no Distrito Federal, o grupo de uma escola pública da periferia apresentou mais respostas negativas sobre o futuro, sobretudo em relação ao acesso à universidade. Com estudantes de baixa renda, Pedreira e Neves (2017) observaram que o trabalho era entendido principalmente como necessidade e fonte de dinheiro, mas que, ao pensar em uma profissão, surgiam tanto a preocupação com o sustento quanto o desejo de fazer algo prazeroso.

Esses achados, no entanto, não autorizam afirmar que a condição econômica decide tudo. Valore e Cavallet (2012) estudaram 54 alunos de um cursinho pré-vestibular popular, em sua maioria vindos de escola pública e de famílias com renda de um a três salários mínimos. Para esses estudantes, o dinheiro não foi o principal critério de escolha, e as dificuldades mais citadas foram a falta de informação, o medo de errar e a dificuldade de abrir mão de outras opções. É interessante notar que a falta de informação, e não a renda em si, apareceu como o maior obstáculo, o que reforça a importância de ações de orientação. Dayrell (2003) contribui para essa leitura ao descrever o jovem das camadas populares como sujeito ativo, que dá sentido à própria vida mesmo com poucos recursos, ainda que as condições em que vive restrinjam aquilo que consegue realizar.

A discussão se torna mais complexa em uma sociedade que explica o sucesso quase exclusivamente pelo esforço individual. Safatle, Silva Junior e Dunker (2021) descrevem o neoliberalismo como uma racionalidade que ultrapassa a economia e alcança o modo como as pessoas se percebem, levando cada indivíduo a administrar a própria vida como uma empresa, orientada por metas, competição e produtividade. Aplicada à escolha profissional, essa lógica sustenta a crença de que o futuro depende apenas de dedicação, enquanto as desigualdades permanecem invisíveis. Ribeiro (2022) acrescenta que, em um país desigual, olhar apenas para o indivíduo pode apagar barreiras sociais e culturais e levar o jovem a interpretar como fracasso pessoal o que, na verdade, decorre da falta de oportunidades.

3.2 Família, escola e escolha profissional como processo subjetivo e social

A família costuma ser a primeira referência quando o jovem pensa no futuro. Pereira, Zanon e Dellazzana-Zanon (2021) apontam que ela é uma rede de apoio importante na construção dos projetos de vida e que fatores como a escolaridade dos pais se relacionam com esses projetos. No estudo de Leão, Dayrell e Reis (2011), a família, especialmente a mãe, era a

principal incentivadora dos planos dos jovens, e muitos manifestavam o desejo de retribuir o esforço dos pais e oferecer a eles uma vida melhor. Esse apoio, contudo, pode vir acompanhado de pressão. Barreto e Aiello-Vaisberg (2007) identificaram o peso do desejo dos pais por profissões tradicionais, como Medicina, Direito e Engenharia, consideradas mais respeitadas e rentáveis, e perceberam que os cursos técnicos costumam ser pouco valorizados, como se apenas o diploma universitário assegurasse sucesso. Para jovens de baixa renda, essa expectativa pode se tornar um peso a mais, já que o caminho até essas carreiras costuma ser longo e caro.

Depois da família, a escola é o espaço em que o adolescente passa grande parte do tempo e constrói referências sobre o futuro. Pereira, Zanon e Dellazzana-Zanon (2021) encontraram diferenças nos projetos de vida de adolescentes de diferentes tipos de escola. Nos estudos com alunos da rede pública, contudo, a escola aparece com limitações importantes. Os jovens ouvidos por Leão, Dayrell e Reis (2011) criticaram a estrutura precária, os conteúdos distantes de sua realidade e a pouca informação sobre faculdade e trabalho. No estudo de Valore e Cavallet (2012), 39% dos estudantes afirmaram que a escola não ajudou em nada na escolha profissional. Em oficinas com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, a escola raramente foi lembrada como caminho para alcançar os próprios objetivos, e os planos de futuro quase não vinham acompanhados de ações concretas (ALVARENGA; PATROCINIO; BARBI, 2021).

O conjunto desses estudos mostra que a escolha profissional acontece no encontro entre o que o jovem deseja e o que acredita ser possível. Interesses e sonhos são pessoais, mas se formam a partir do que se vive em casa, na escola e na comunidade. Pinto e Castanho (2012), com base na psicologia sócio-histórica, entendem a escolha como resultado da relação entre a pessoa e a sociedade e observaram que muitos estudantes atribuíam suas dificuldades a falhas próprias, sem perceber que parte delas tinha origem social. Embora a pesquisa tenha sido feita com universitários, essa constatação ajuda a compreender também o que vivem os estudantes do Ensino Médio.

Por esse motivo, a indecisão sobre a carreira não deve ser interpretada de imediato como falta de capacidade ou de planejamento. Ela pode expressar um conflito entre desejos, necessidade de renda, cobranças familiares e oportunidades reais. Leão, Dayrell e Reis (2011) observam que se espera do jovem que ele seja dono da própria trajetória, mas as desigualdades tornam essa tarefa mais difícil para quem vem das camadas populares, cujos planos costumam ser de curto prazo e construídos por tentativas. Com frequência, um sofrimento produzido pelas

condições sociais acaba sendo tratado como um problema apenas individual (SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER, 2021).

3.3 Orientação profissional e atuação da psicologia

A partir dessas questões, entende-se que a orientação profissional não pode se limitar a testes para identificar aptidões ou indicar a profissão "certa". Na perspectiva crítica e sócio-histórica, ela constitui um espaço para que o jovem reflita sobre seus interesses, habilidades, expectativas e possibilidades reais e participe de forma mais consciente das próprias decisões (SILVA et al., 2021). Essa compreensão, porém, ainda não predomina na área, já que a maior parte dos estudos brasileiros sobre orientação no Ensino Médio se concentra no uso de escalas e instrumentos de medida (SOBRAL; FERNANDES, 2018). Um ponto de partida possível é ouvir o que os próprios adolescentes pensam sobre trabalho e futuro. Pedreira e Neves (2017) verificaram que jovens de baixa renda viam a orientação profissional de forma positiva, associando-a a ideias como caminho, preparo e conhecimento, embora tivessem pouca informação sobre ela.

O processo de orientação pode favorecer o autoconhecimento sem reduzir a escolha a traços de personalidade. Para isso, precisa incluir conversas sobre oportunidades de estudo, condições de trabalho, desigualdade e expectativas da família, de modo que o jovem consiga separar o que está ao seu alcance daquilo que depende de mudanças coletivas. Ribeiro (2022) mostra que as teorias e pesquisas da área no Brasil foram construídas, em grande parte, a partir de jovens de classe média e alta e de pessoas com emprego formal, e propõe que o atendimento individual seja combinado com ações em grupo e na comunidade, considerando classe, raça, gênero e sexualidade. Ao questionar a ideia de que tudo depende do mérito, a Psicologia contribui para que o jovem assuma suas escolhas sem carregar sozinho a culpa pelos obstáculos (SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER, 2021).

Na prática, esse tipo de atendimento ainda chega pouco à rede pública. Melo-Silva, Munhoz e Leal (2019) relatam que a orientação profissional foi desaparecendo das escolas brasileiras a partir da década de 1980 e que a legislação atual não garante sua oferta. Os autores defendem que ela seja contínua desde os primeiros anos escolares e vinculada à competência sobre trabalho e projeto de vida da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Em outro estudo, com 74 profissionais da área, Melo-Silva et al. (2023) verificaram que apenas 12,2% atuavam no setor público, o que sugere que o serviço está concentrado na iniciativa privada e

distante de boa parte dos estudantes da escola pública. Mesmo onde o componente Projeto de Vida já foi implantado, os resultados são desiguais. Ao analisar escolas estaduais paulistas, Pimenta-Urquiza e Cavalcanti-Bandos (2026) constataram que os materiais abordam carreira e mercado de trabalho de forma genérica, pouco conectada à realidade dos alunos da rede pública, e que o alcance desse trabalho depende muito do empenho de cada professor.

Escolas e instituições socioeducativas podem oferecer espaços de conversa sobre o futuro que muitos jovens não encontram no cotidiano. No relato de Silva et al. (2021), desenvolvido em uma escola pública de região vulnerável, a criação de vínculo e o conhecimento da realidade dos alunos antes das atividades foram fundamentais, e o trabalho permitiu que os estudantes considerassem opções que antes pareciam fora de seu alcance. Oficinas sobre projeto de vida com crianças e adolescentes em vulnerabilidade também favoreceram o autoconhecimento e a projeção do futuro desejado (ALVARENGA; PATROCINIO; BARBI, 2021). Os próprios estudantes reconhecem essa necessidade, como mostraram Oliveira, Pinto e Souza (2003), cujos participantes pediram mais orientação e debate sobre o futuro na escola. Instituições como os Centros da Juventude, que reúnem jovens com trajetórias diversas em atividades de convivência e formação, mostram-se espaços adequados para ações de orientação profissional planejadas a partir da realidade dos participantes.

Por fim, é preciso reconhecer os limites da literatura revisada. Grande parte dos estudos empíricos trabalha com grupos pequenos e de uma única cidade, várias pesquisas importantes têm mais de uma década e são raras as investigações realizadas no Sul do país. Além disso, poucos trabalhos acompanham os jovens após a conclusão do Ensino Médio, o que impede saber se os planos declarados se concretizam. Essas lacunas reforçam a necessidade de novas pesquisas com estudantes da rede pública em diferentes regiões.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão permitiu compreender que a primeira escolha profissional de jovens que concluem o Ensino Médio na rede pública brasileira depende tanto de seus desejos quanto das condições em que vivem. Os dados oficiais revelam um país desigual, no qual a necessidade de trabalhar, a baixa renda e o acesso limitado ao Ensino Superior reduzem as opções que esses jovens conseguem enxergar. Ainda assim, os estudos analisados mostram que eles continuam elaborando planos. A condição social limita as possibilidades, mas não determina, sozinha, o futuro.

Família e escola exercem grande influência nesse percurso, oferecendo apoio e referências, mas também cobranças e lacunas de informação. A ausência de orientação profissional organizada na escola pública aprofunda a desigualdade e reforça a ideia de que quem não consegue avançar fracassou por conta própria. Nesse contexto, a Psicologia pode contribuir ao ampliar o acesso à informação, valorizar a experiência dos jovens e ajudá-los a distinguir o que depende deles daquilo que exige mudanças mais amplas.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se o fato de se tratar de uma revisão narrativa, que não seguiu um protocolo sistemático de seleção. Além disso, nenhuma das pesquisas analisadas foi realizada com jovens do Oeste do Paraná, o que impede a generalização dos resultados para essa região. Para estudos futuros, sugere-se a realização da pesquisa de campo prevista inicialmente, com alunos do terceiro ano do Ensino Médio que frequentam o Centro da Juventude Professor Jomar Vieira Rocha, em Cascavel, a fim de verificar como as questões aqui discutidas se manifestam nessa realidade. Também se mostra necessário o fortalecimento de políticas públicas que garantam a oferta de orientação profissional nas escolas da rede pública.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Claudia Gersen; PATROCINIO, Laís Barbosa; BARBI, Lucas. Discutindo projetos de vida com crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. **DESIDADES**: Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude, Rio de Janeiro, n. 29, p. 186-199, jan./abr. 2021.

BARRETO, Maria Auxiliadora; AIELLO-VAISBERG, Tania. Escolha profissional e dramática do viver adolescente. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 107-114, jan./abr. 2007.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOBBO, Jessica Particelli; NAKANO, Tatiana de Cássia; DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato. Escala de projetos de vida para adolescentes: evidências de validade de conteúdo. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 20-40, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar da Educação Básica 2024**: notas estatísticas. Brasília, DF: Inep, 2025.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out./dez. 2011.

MELO-SILVA, Lucy Leal; MUNHOZ, Izildinha Maria da Silva; LEAL, Mara de Souza. Orientação profissional na educação básica como política pública no Brasil. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 3-18, jan./jun. 2019.

MELO-SILVA, Lucy Leal et al. Competências para orientação profissional e de carreira no Brasil: autoavaliação e relevância. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 279-293, 2023.

OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de; PINTO, Raquel Gomes; SOUZA, Alessandra da Silva. Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 1, p. 16-27, 2003.

PEDREIRA, Scarlethe O'Hara Santos; NEVES, Cíntia Reis Pinto. A representação social da orientação profissional para adolescentes de baixa renda. **Seminário Estudantil de Produção Acadêmica**, Salvador, v. 16, 2017.

PEREIRA, Bruna Caroline; ZANON, Cristian; DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato. Influência dos contextos escolar e familiar nos projetos de vida de adolescentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 41, e227915, 2021.

PIMENTA-URQUIZA, Ana Luísa Neves; CAVALCANTI-BANDOS, Melissa Franchini. A dimensão profissional no projeto de vida: desafios e possibilidades da orientação profissional no ensino médio público paulista. **Revista Educação e Políticas em Debate**, Uberlândia, v. 15, n. 2, p. 1-14, maio/ago. 2026.

PINTO, Telma Maranhão Gomes; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira. Sentidos da escolha e da orientação profissional: um estudo com universitários. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 395-413, 2012.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. O pessoal e o político na produção conceitual em orientação profissional e de carreira. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 22, n. 53, p. 215-231, 2022.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian Ingo Lenz (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 1, p. 107-115, 2003.

SILVA, Ana Virgínia Maria da et al. Orientação profissional e vulnerabilidade social na escola pública: um relato de experiência. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 13, n. 2, p. 175-188, 2021.

SOBRAL, Helenizia Santos; FERNANDES, Sheyla Christine Santos. Orientação profissional no ensino médio: revisão de estudos da psicologia brasileira. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 7, n. 2, p. 288-312, 2018.

VALORE, Luciana Albanese; CAVALLET, Luiza Helena Raittz. Escolha e orientação profissional de estudantes de curso pré-vestibular popular. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 354-363, 2012.